



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

CLAUDIA VARGAS SOARES DE SOUZA

***BULLYING* LINGUÍSTICO: UMA NOVA VISÃO SOBRE O
PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO**

Brasília
2012

CLAUDIA VARGAS SOARES DE SOUZA

***BULLYING* LINGUÍSTICO: UMA NOVA VISÃO SOBRE O
PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem e a Construção/Reconstrução do Significado.
Orientadora: Prof^a Dr^a Francisca Cordelia Oliveira da Silva.

Brasília
2012

CLAUDIA VARGAS SOARES DE SOUZA

***BULLYING* LINGUÍSTICO: UMA NOVA VISÃO SOBRE O
PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em Revisão
de Texto: Gramática, Linguagem e a
Construção/Reconstrução do Significado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Francisca Cordelia
Oliveira da Silva.

Brasília, 22 de maio de 2013.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Francisca Cordelia Oliveira da Silva

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Dedico este trabalho à minha querida mãe, guerreira, lutadora e vencedora, que foi minha inspiração nos momentos mais difíceis, não me deixando desistir nunca. Meu querido pai que, mesmo distante, sempre está ao meu lado. Meus filhos Bruno e Priscilla que sempre foram a inspiração para um lugar melhor ao sol.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é imprescindível, pois ninguém alcança um objetivo sem ajuda, seja ela terrena, seja espiritual.

Em primeiro lugar agradeço a DEUS e a NOSSA SENHORA por sua indelével sabedoria e infinita misericórdia. Minha força suprema que me impulsiona e me renova a cada amanhecer, permitindo que eu vença cada obstáculo em minha vida.

A minha família, que acreditou nessa minha nova conquista.

A minha querida amiga de todos os dias, Dr^a Maria Teresa Pérez Mateo que muito me ajudou com suas ideias magnificas, além de ler e reler minuciosamente este trabalho, apontando meus erros e acertos.

A minha querida orientadora Prof^a Dr^a Francisca Cordelia Oliveira da Silva, por sua pontualidade, paciência e competência.

Ao Prof^o Dr. Gilson Ciarallo por sua eficiência e disponibilidade.

A Prof^a Dr^a Tânia Cristina da Silva Cruz por sua disponibilidade e carinho.

Ao nosso coordenador do curso de Pós-Graduação Prof^o Dr. Harrison da Rocha, que esteve sempre pronto a nos ajudar durante o curso e que teve um papel importante na minha escolha sobre o tema desta pesquisa.

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria.

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal,
Não sente inveja ou se envaidece.

O amor é o fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria.

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.

Estou acordado e todos dormem.
Todos dormem. Todos dormem.
Agora vejo em parte,
Mas então veremos face a face.

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos,
Sem amor eu nada seria.

Monte Castelo
Renato Russo

RESUMO

Este trabalho discorre sobre *Bullying* Linguístico, preconceito e discriminação. A palavra preconceito sempre esteve em alta, mas nunca foi tão amplamente discutida quando no momento atual, pois sabemos que existem vários tipos e formas de preconceitos, como: o racial, o social, o religioso, o sexual e até mesmo o linguístico. É neste ponto, o preconceito linguístico, que a discriminação aparece e, muitas vezes, se transforma em *bullying*. Isso acontece quando determinado indivíduo sofre com constantes ataques e é estigmatizado por seu modo de falar. Dessa forma, o que seria inicialmente preconceito linguístico transforma-se em preconceito social. A sociolinguística e seus estudiosos nos fazem observar que um falante materno não comete erros ao usar sua língua, já que a gramática da língua está internalizada. Com isso, podemos refletir claramente que, na língua portuguesa, não há quem fale mais 'bonito' ou mais 'certo', o que existe é o que chamamos de variações linguísticas, que podem ser contextuais, geográficas, históricas ou socioculturais. A língua é dinâmica e se adapta conforme as situações e os interlocutores. A norma-padrão é um conjunto de regras idealizadas pelos gramáticos, mas que não tem falantes reais. A escola, principalmente, e o professor de língua portuguesa têm papel de suma importância na conscientização dos alunos em relação às variações linguísticas, no incentivo à pesquisa de sua língua materna, seus fenômenos e, principalmente, no sentido de extirpar, de uma vez por todas, o preconceito, a discriminação e o *bullying*, de muitas vidas, construindo assim uma sociedade melhor no futuro.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Discriminação. *Bullying*. Variação linguística.

RESUMEN

Este trabajo discute bullying lingüístico, el prejuicio y la discriminación. La palabra preconcepción siempre ha sido usada, pero nunca ha sido discutida ampliamente en términos de lenguaje, sabemos que hay varios tipos y formas de usar este término, cuando se trata de preconcepción racial, social, religioso, sexual e incluso, lingüístico. Es en este punto, el preconcepción o prejuicio lingüístico, donde la discriminación aparece y, a menudo se convierte en acoso. Esto ocurre cuando un individuo en particular sufre de constantes ataques y algunos terminan siendo estigmatizados por su forma de hablar. Así, lo que inicialmente era preconcepción lingüístico se convierte en prejuicio social. La sociolingüística y sus estudiosos nos hacen observar que existe un error al utilizar la lengua materna, ya que la gramática de la lengua se interioriza. Con esto, claramente podemos reflexionar que la lengua portuguesa no se habla más "bello" o más "correcto", lo que existe es lo que llamamos variaciones lingüísticas, que pueden ser contextuales, geográficas, históricas o socioculturales. El lenguaje es dinámico y se adapta de acuerdo a las situaciones e interlocutores. El estándar es un conjunto de patrones de reglas ideadas por los filólogos, pero no tiene altavoces reales. La escuela, principalmente el profesor de lengua portuguesa tiene un papel de gran importancia en la conciencia de los estudiantes en relación con las variaciones lingüísticas en el incentivo de la investigación de su lengua materna, sus fenómenos y sobre todo para erradicar de una vez por todas, los prejuicios, la discriminación y el acoso, construyendo así una sociedad mejor para el futuro.

Palabras clave: Preconcepción lingüístico. Prejuicio lingüístico. Discriminación. Acoso. Variación lingüística.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. O BRASIL E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	11
1.1 O Português e a Miscigenação Linguística	18
1.2 Breve Contexto Histórico – A Importância de Marquês de Pombal	17
1.3 As Variações da Língua Portuguesa	20
1.3.1 As variações de Linguagens existentes no Brasil	21
2. BULLYING: Avaliação em um contexto social	25
2.1 A Sociolinguística Contextualizada	28
2.2 As Dificuldades geradas pelas diferenças de Linguagens no uso do Português em outras regiões do Brasil. Uma complexidade sociocultural a conviver	30
2.2.1 A Fala Desigual, Certo Ou Errado?	32
3. O BULLYING LINGUÍSTICO	34
3.1 O Preconceito	35
3.2 A Discriminação	37
4. QUAL A REPERCUSSÃO DO USO ERRADO DA LÍNGUA PORTUGUESA?	41
4.1 A Pesquisa e a realidade	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as variações linguísticas da Língua Portuguesa de norte a sul do país e mostrar que, devido a elas, muitas pessoas são, todos os dias, discriminadas ou sofrem preconceitos devido à sua maneira de falar.

A língua é um fator social e, por isso, é nítida a influência que ela tem na vida dos seres humanos. A maneira de falar e escrever diz sobre o local de onde o falante se origina e a classe social em que está inserido. O seu modo de vestir, o modo de andar, a cor da pele são elementos que marcam o nível social do falante. Nesse trabalho, o objetivo será o preconceito, a discriminação ou o *bullying* motivado pela maneira de falar e escrever do sujeito.

O preconceito linguístico e o *bullying* são temas frequentemente abordados por alguns linguistas com a intenção, entre outras, de valorizar e conscientizar sobre a existência das variedades dialetais brasileiras, pois a língua portuguesa, como qualquer outra língua, é heterogênea e mutável.

Na maioria das sociedades, as pessoas com *status* social valorizado acham que possuem uma linguagem mais correta. Com os brasileiros letrados não é diferente, já que eles discriminam os seus compatriotas pobres, analfabetos e semianalfabetos, achando que não falam bem o português, pois acreditam que apenas os portugueses conhecem a língua. Isto ocorre, devido à constituição da identidade do povo brasileiro ter sido historicamente cercada de repressão. Há uma falsa visão na qual, o português de Portugal é o ideal e correto, quando na verdade, se sabe que apenas evoluiu de maneira diferente do português brasileiro.

Em função de elementos como esses, crianças e adolescentes são rechaçadas nas escolas por meio do que conhecemos hoje como *bullying* ou seja,

piadas e brincadeiras de mau gosto que podem acarretar sérios prejuízos a indivíduos que delas são alvo.

Como resolver um problema tão grave que acontece todos os dias nas escolas e que, de certa forma, pode passar despercebido entre os professores e a coordenação? Muitas famílias, por exemplo, em que o pai e a mãe vêm transferidos de outro estado do Brasil para trabalhar em Brasília, passam por problemas, quando seus filhos sofrem *bullying* e preconceito na escola (mesmo, esta sendo particular), simplesmente por terem comportamentos e pronúncias diferentes.

Considerando esse contexto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o preconceito linguístico, isto é, uma prática social que se forma antes do conhecimento real, o qual corrobora para desestruturar uma organização social e mostrar o quanto é nocivo qualquer tipo de comportamento que possa denegrir a personalidade e o comportamento de uma pessoa.

Os objetivos específicos são: detectar a variação linguística existente em todo o território brasileiro e analisar de que forma acontece o preconceito, a discriminação e o *bullying* nas escolas; refletir sobre maneiras para combater este mau que assola tantas pessoas em forma de brincadeiras sem sentidos e que são prejudiciais a quem sofre esses terríveis ataques.

Este trabalho está organizado em capítulos em uma ordem lógica e sequencial, desde o marco histórico do preconceito linguístico, até a situação atual sobre o tema na sociedade brasileira, para que se possa compreender melhor como a discriminação, o preconceito e o *bullying* acontecem em nossa sociedade.

No primeiro capítulo será abordada às variações linguísticas, devido ao tamanho do nosso país e também descritas a miscigenação linguística, contada desde o descobrimento do Brasil e a importância do Marquês de Pombal.

No segundo capítulo será explanado o *Bullying*: em um contexto social, abrangendo as atitudes agressivas, que ocorrem sem qualquer motivação aparente, mostrando a importância da sociolinguística e as dificuldades geradas pelas diferenças de linguagens no uso do idioma português em outras regiões do Brasil e como ter certeza se a fala desigual de cada um é certo ou errado.

No terceiro capítulo, a pesquisa vai aprofundar sobre o *Bullying* linguístico, o preconceito e a discriminação que gera tal atitude.

No quarto capítulo vamos analisar qual a repercussão do uso errado da língua portuguesa por alguns falantes e descrever sobre a pesquisa e a realidade dos fatos sobre este ato de extrema violência psicológica.

Por fim, teremos a conclusão deste trabalho e o que poderemos fazer em prol para solucionar tamanho problema que a tantas pessoas causam danos irreparáveis.

Para uma análise mais aprofundada, além de Bagno (1999), também foram pesquisados autores importantes como: Fante, (2004) e Constantini, (2004).

1. O BRASIL E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

O Brasil possui o tamanho de um continente e, por causa de seu enorme espaço, abriga uma infinidade de dialetos e diferentes expressões linguísticas. Cada região carrega a marca do dialeto que fala, acreditando que é correto e sabendo que sempre sofre com a avaliação social. Com isso, determinados fenômenos de pronúncia são alvo de rotulações e preconceitos, normalmente relacionados à classe social a que pertence o falante. Segundo Bagno (2004), a existência dessa variação linguística na maneira do povo refuta a afirmação de que o Brasil tem uma língua homogênea.

Dizer que a língua portuguesa é homogênea é um erro, que pode ter consequências graves na vida social do falante. A diferença linguística que existe entre as pessoas que nasceram no mesmo país é um mal que deve ser erradicado, porque justifica a prática da exclusão e do bloqueio ao acesso a bens sociais. Isso demonstra a imposição da cultura dos grupos detentores do poder ou que são ligados a outros grupos. A língua é um dos componentes do sistema cultural, apresenta a existência de uma variedade padrão e cria um contexto de relações assimétricas entre falantes de uma comunidade.

Bagno (2004, p. 16), defensor do respeito e da valorização das variedades linguísticas, afirma que:

[...] Como a educação ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – *são os sem língua*. É claro que eles também falam o português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática

particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão, o tomam como referencia ideal – por isso podemos chamá-los de sem língua. [...]

Já há algum tempo, existe uma preocupação referente às lutas contra os mais diferentes tipos de preconceitos e, conseqüentemente, voltado ao combate à exclusão social. Apesar de se falar tanto na diversidade cultural existente no Brasil, o preconceito linguístico é um fato que promove a exclusão social de muitas pessoas; geralmente, é incentivado pela mídia e pelas classes sociais dominantes.

Um exemplo concreto e pouco divulgado sobre o preconceito linguístico no Brasil vai além da língua portuguesa. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) deve ser considerada como língua materna dos surdos, mesmo assim eles são discriminados, algumas vezes, até mesmo pela própria família, pelo simples fato de usar uma língua diferente. A sociedade os exclui e, devido aos sons que produzem, muitas vezes, são rotulados como doentes mentais, porque a maioria das pessoas não entende a língua gestual. No caso da surdez, o preconceito linguístico se manifesta em direção a outra língua, sendo os surdos excluídos linguística, social e culturalmente.

No Brasil, a língua predominante é o português brasileiro e, por causa de tamanho de nosso território, há diversidade e variabilidade no uso da língua, como descreve Bagno (2004).

Porque isso acontece? Com certeza, não é uma resposta tão difícil de imaginar, já que as diferenças de nível social em nosso país acabam criando, sem que se perceba, um abismo linguístico entre as pessoas de classe baixa que, de praxe, costumam falar a língua não padrão. Já aqueles que pertencem a classe média alta costumam utilizar norma padrão da língua.

Existem muitos tipos de preconceitos como: culturais, religiosos, raciais, sexuais e tantos outros, que aos poucos estão sendo combatidos, mas o preconceito linguístico é um dos mais recorrentes contra as pessoas de baixa renda ou contra aquelas que sofrem injustiças sociais, já que é comum, entre elas, falar variedades linguísticas não padrão, causando, automaticamente a exclusão social. São acusações do tipo: “fala errado”, “não sabem falar português”, “não sabe gramática” e tudo isso é oriundo da classe dominante, que acredita dominar e saber a língua correta.

Em seus estudos, a Sociolinguística define a língua como uma natureza viável e fundamental do ser humano, que orienta e sustenta a observação, a discriminação e a interpretação do comportamento linguístico. Quando ocorre entre grupos de falantes, a não aceitação da maneira como o outro se expressa gera numerosos preconceitos sociais, neste caso o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo. Devido a isso, a intolerância linguística é um dos comportamentos sociais que mais chamam atenção, seja na mídia, seja nas relações sociais cotidianas, seja nos espaços institucionais.

Bagno (2004) explica que o preconceito linguístico já faz parte da imagem negativa que o brasileiro tem de si e da língua falada por aqui. O português, a língua predominante no Brasil, apresenta alto grau de diversidade e de variabilidade que gera as diferenças regionais. O preconceito é usado para excluir da participação social muitas pessoas.

Nesse sentido, é comum observarmos o enorme preconceito linguístico existente e, como não poderia deixar de ser, esse preconceito reflete a verdadeira situação social em que o país vive, mostrando assim a absurda concentração de renda para uns e a exclusão social de outros. Agindo dessa forma, fica transparente

o comportamento agressivo, que acaba por marginalizar as pessoas que falam diferente do padrão gramatical, pois são vistas como inferiores. No entanto, não podemos esquecer que a linguagem é parte de nossa identidade pessoal e é por meio dela que identificamos a origem de um falante.

Em uma sociedade que é desigual, o uso da linguagem padrão evidencia características relativas ao poder aquisitivo do falante. Distinguir uma pessoa como inferior ou menosprezá-la por preconceito linguístico é uma discriminação sem precedentes. Cabe às pessoas que podem agir nesse campo criticar tais comportamentos que são nocivos à estrutura emocional e à formação psicológica de qualquer um, afinal, sabemos que se aprende a falar com a convivência.

De outro lado, sabemos que toda língua é viva, portanto a variedade de linguagem é resultado das diferentes contextos em que ocorre. A língua varia, ou seja, apresenta o fenômeno da variação, porque ela não pára, ela sempre evolui, simplesmente por estar em constante transformação. São muitos os fatores que contribuem para essas mudanças. O português sofre influências regionais, étnicas, sociais, estrangeiras e culturais.

Por todos esses motivos, conclui-se que o regionalismo é tratado de forma pejorativa, discriminatória. Pessoas nascidas no interior de São Paulo, norte do Paraná, sul de Minas, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul são chamadas discriminadamente de caipiras. Outros dizem que o baiano é lento para falar e associam essa característica da linguagem da pessoa a uma postura preguiçosa. Nenhuma região ou estado brasileiro está livre dessas variações. Quem nunca ouviu falar sobre o “s” chiado do carioca, as palavras no diminutivo ou pela metade do mineiro, o “r” arrastado do paulista, a forma peculiar do nordestino com diversas variações?

Então como se pode tratar como preconceito ou discriminar aqueles que têm a linguagem diferenciada do padrão gramatical?

Toda essa variedade deve ser vista como uma riqueza que deve ser preservada e valorizada. É a cultura e a identidade de um povo. Valores que devem ser perpetuados.

1.1 O português e a miscigenação linguística

A história do Brasil contada nos livros didáticos relata um pouco de romantismo quando se refere aos Portugueses e como “descobriram” este país. Mas, pesquisando em cartas daquela época e relendo a carta de Pero Vaz de Caminha escrita à Dom Manuel, Rei de Portugal, pode-se perceber que a história não foi “bem assim”.

Antes de 1500, o Brasil já era habitado por várias tribos de muitos dialetos e não poderia ser diferente. Quando os Portugueses aportaram aqui, trouxeram com eles a colonização, a escravidão e, conseqüentemente, a imigração de outros povos.

Com tanta gente chegando e cada qual falando a sua maneira, a nova terra outrora povoada por índios, acabou por desenvolver uma língua própria, o português brasileiro.

Rodríguez (1996) explica o tronco linguístico e como o idioma português foi formado: verifica-se a influência de nove famílias linguísticas - latina, indo-europeia, itálica, românica, românico-ocidental, galo-ibérica, ibero-românica, ibero-ocidental e galaico-portuguesa. Além disso, o tupinambá, vulgarmente conhecida no Brasil como tupi, uma língua que abrangia o litoral brasileiro, foi amplamente usado na colônia juntamente com o português.

Com a chegada dos escravos oriundos da África ao Brasil, novos dialetos foram chegando à colônia e a língua recebeu novas palavras. Junto com a influência africana chegou o lorubá, dialeto falado por negros oriundos da Nigéria e do Quimbundo angolano (HOLANDA, 1976). Mais adiante, por volta do século XIX, o país novamente recebeu vários imigrantes europeus que trouxeram em sua bagagem muitas contribuições ao idioma. Foram eles, alemães, espanhóis, italianos e franceses. Todas essas contribuições fizeram aflorar diferenças regionais e diversidade na pronúncia do português.

Com o tempo, a distância entre o português europeu e o português brasileiro foi se ampliando devido às novas gerações e aos avanços tecnológicos. Palavras passaram a ter maneiras diferentes de entendimento como, por exemplo, comboio = trem - autocarro = ônibus - pedágio = portagem - pão francês = carcaça - impostos = propinas¹.

Falamos português no Brasil devido à colonização dos portugueses em nossa terra, mas esse fato não proibiu a vinda de outros povos distantes, na época da colonização, e com eles, suas diferentes culturas, fazendo, assim, uma junção de seus dialetos com o português e com as línguas dos outros povos que foram encontrados por aqui, que no caso, eram os índios.

Em nosso idioma, o português brasileiro, possuímos muitas palavras que hoje se distanciam do português europeu, alguns exemplos disso, são: mandioca, abacaxi, tatu (palavras de origem indígena), caruru, caçula, samba (nomes originários do lorubá e do quimbundo angolano)².

Também não se pode esquecer a quantidade de pronúncias fonéticas diferentes da língua portuguesa brasileira nas várias regiões do país e é nesse ponto

¹ Exemplos coletados em: (<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-populacao-brasileira/historia-da-lingua-portuguesa.php>)

² Exemplos coletados em: (<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-populacao-brasileira/historia-da-lingua-portuguesa.php>)

que a pesquisa revela seu alvo: como é falado hoje o português brasileiro em suas variedades e como isso se reverte em um novo fenômeno que este trabalho pretende analisar: o *Bullying* Linguístico. Para tanto, abordará uma nova visão sobre o preconceito e a discriminação.

1.2 Breve contexto histórico – A importância de marquês de pombal

É importante procurar saber das nossas raízes históricas, não só para entendermos a situação linguística no Brasil do século XVIII, mas para que possamos compreender melhor e comparar com o século XIX, para poder averiguar os vários tipos de problemas.

Desde a época do descobrimento, aconteceram movimentos de imposição da língua portuguesa e movimentos de ataques dos nativos aos colonizadores. Mais adiante, quando ocorreu a independência no Brasil, novamente sucederam embates com Portugal e a língua usada no Brasil, causando, assim, a necessidade de uma legislação que acarretaria em novas formas para implantar a língua portuguesa, já que o português não era a língua corrente no Brasil.

Isso aconteceu porque Portugal precisava impor a língua portuguesa, inclusive para preservar a colônia, mas era uma tarefa difícil, pois o português concorria com a *língua geral* e este fato perdurou até a segunda metade do século XVIII, quando as autoridades portuguesas resolveram divulgar e a obrigar o ensino da língua portuguesa (SILVA, 1986).

Mas o que era de fato a língua geral? Segundo pesquisa realizada por Alckmin (2002), sobre línguas no Brasil; recebem o nome de língua geral no Brasil, línguas de base indígenas praticadas amplamente em território brasileiro, no período

de colonização. A língua geral é uma língua franca. No século XVIII, havia duas línguas gerais: língua geral paulista, falada ao sul do país no processo de expansão bandeirante, e a língua geral amazônica ou nheengatú, usada no processo de ocupação amazônica.

Nas décadas iniciais do século XVI, o que existia no território brasileiro eram várias línguas indígenas. O colonizador português tentou administrá-las ensinando a nova língua, mas as constantes invasões, lideradas por franceses, espanhóis e holandeses, ameaçavam a tranquilidade dos colonizadores, pois outras línguas europeias estavam, aos poucos, se infiltrando na colônia.

A língua geral era usada por todas as camadas sociais, ou seja, passando do domínio privado para o público. As crianças, filhos de índias com portugueses, aprendiam dentro de casa a língua geral e quando cresciam encontravam resistência dentro da língua portuguesa (ALKMIN, 2002).

Essa situação levou a Coroa portuguesa, por meio de seu ministro, Marquês de Pombal, a tomar uma atitude radical no sentido de implantar a língua portuguesa definitivamente em terras brasileiras.

Segundo Holanda (1976), é sabido que a inserção do homem no mundo se dá pela linguagem e a consequência de tudo que foi relatado, desde o descobrimento do Brasil, foi estabelecer com rigor o uso da língua portuguesa em todas as povoações, não consentindo de maneira alguma que todas as crianças que frequentavam a escola e os índios que eram passíveis de instrução usassem a própria língua ou aquela conhecida como língua geral.

Com todas essas medidas, é claro que o resultado foi total, pois em 1798, quando o Diretório³ foi abolido, a língua portuguesa tinha total domínio em todas as

³ [...] O Diretório, com 95 parágrafos, dadas as suas características de uma carta de princípios e de ações e, pelas circunstâncias históricas, assemelha-se a uma constituição: trata da civilização dos índios; da demarcação de fronteiras; do

regiões, com exceção da Amazônia, onde predominava a influência Tupi há quarenta anos.

[...] O termo civilização, atravessado por vários significados, no documento de que nos ocupamos - o Diretório - implica uma intenção educadora, pois pretende uma transformação do outro. Um processo de civilização que implique uma enérgica ação pedagógica com vistas à mudança, só se pode definir de forma autoritária, em relações assimétricas de poder. (TROUCHE, 1998, p.3)

Segundo Celso Cunha (1980), a reforma pombalina instituiu o ensino público. Tornou violentamente obrigatório o ensino elementar da língua portuguesa, destruindo línguas e culturas indígenas; em nível secundário, fez preceder a gramática portuguesa à gramática latina, que passaria a ser ministrada por compêndios em metalinguagem portuguesa.

A língua é produtora da história e da cultura e é pela língua que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente. Ficam evidentes, hoje em dia, os reflexos destes atritos entre a língua da terra e a língua transposta ao longo do tempo juntamente com as imposições sociais.

Todo esse contexto histórico é fundamental nesta pesquisa, pois, desde os tempos remotos, já existiam preconceito e discriminação, uma vez que, quando os portugueses aportaram na nova terra, aqui já existiam várias tribos diferentes. Os colonizadores entraram em novo território destruindo as línguas e as culturas indígenas. Os índios ficaram proibidos de usar sua própria língua, aprenderam a falar o português misturado com o dialeto com que se comunicavam, mesclando as palavras.

povoamento; da produção e do comércio de espécies nativas; distribuição de terras para o cultivo; formas de tributação; relações de trabalho dos índios com os colonos (moradores); edificação de vilas; regras de convívio social entre brancos e índios; casamento e da figura do 'Diretor'- personagem central que vinha substituir o missionário. (TROUCHE, *Lygia Maria Gonçalves* (UFF) [...])

Quando os escravos chegaram ao território brasileiro, oriundos da África, falando seus próprios dialetos, também foram obrigados a aprender o português que, por sua vez, misturava português com os dialetos africanos.

Conforme relata Almeida (1997), neste período, eram constantes as invasões europeias, o que indiretamente permitiu vários relacionamentos amorosos entre as índias existentes no Brasil e os invasores. Não demorou muito para que o neologismo acontecesse com toda a força, pois a criança nascida deste relacionamento conhecia a língua indígena da mãe, o português europeu do pai, causando a mistura das duas línguas e, somente quando frequentava a escola, aprendia a língua portuguesa oficial.

Não fica impossível imaginar que, naquela época, as crianças que frequentavam as escolas, já sofriam um tipo de *bullying* e discriminação por sua maneira de falar.

1.3 As variações da língua portuguesa

Sabemos que a língua é um sistema complexo, que possui muitas regras para que sua combinação seja perfeita. Todas as línguas variam, ou seja, não há línguas que sejam simples, difíceis, primitivas ou derivadas.

No caso da língua portuguesa, devido ao tamanho do país, a língua tem muitas variedades dentro do Brasil. Basta imaginar uma família que mora no norte do país e outra que mora no extremo sul. É impossível não haver diferença, devido a distância, à convivência e à origem. Por isso, não é difícil observar como a língua varia geográfica e socialmente e, mais que isso, como nós mesmos variamos continuamente nossa maneira de falar.

A linguagem se diferencia dependendo da situação em que o falante vive:

- Pode ocorrer quando o aspecto é formal ou informal.
- Dependendo do interlocutor (mais jovem ou mais velho, conhecido ou desconhecido).
- Ou apenas quando o papel que estamos exercendo, nos obriga a mudar naquele momento (aluno ou professor; colega de trabalho ou chefe).

Todo este contexto mostra que nenhuma língua é uniforme, homogênea e, todas elas trazem uma característica peculiar na maneira de falar, no vocabulário e na estruturação gramatical. Elas são um conjunto de variedades geográficas e, sendo assim, não se pode afirmar que este ou aquele falante fala corretamente.

Outro aspecto interessante é o contexto histórico e a diversidade ampla da experiência social de cada grupo, o que acaba refletindo na maneira como falam sua língua.

Não existe uma língua portuguesa única dentro do Brasil. Todas as pessoas que falam nosso idioma conhecem as regras gerais do funcionamento da língua, mas isso não impede que cada um tenha sua maneira individual de falar.

1.3.1 As variações de linguagens existentes no Brasil

A variação está intimamente ligada à cada região do país, pois a língua varia de região para região. No Brasil, podemos identificar muitas formas diferentes, ou seja, o português falado em Porto Alegre – RS não é o mesmo falado em Salvador –

BA, São Paulo – SP, Fortaleza – CE e assim acontece com falantes de outras cidades.

São muitas as regiões do país que possuem diferentes variedades regionais. Tal fenômeno sucedeu devido ao numeroso movimento migratório de grandes contingentes populacionais que ocorreu durante o século XX: a migração dos nordestinos para o centro-sul, a dos sulistas para o centro-oeste e o norte do país, isso sem se esquecer de comentar sobre o enorme êxodo rural que, em alguns anos, inverteu a distribuição da população entre as cidades e o campo, trazendo para o espaço urbano os falares rurais brasileiros (DEMERGIAN, 1981).

As marcas linguísticas regionais fazem parte ativamente do processo de construção da identidade de cada um. Para ilustrar esse processo, segue abaixo um texto humorístico recebido por e-mail, que ilustra a variedade que vem sendo aqui abordada.

ASSALTANTE PARAIBANO

Ei, bichim...
 Isso é um assalto...
 Arriba os braços e num se bula e
 num faça munganga...
 Arrebola o dinheiro no mato e
 não faça pantim, se não enfio a
 peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora...
 Perdão meu Padim Ciço, mas é que
 eu tô com uma fome da moléstia.

ASSALTANTE BAIANO

Ô meu rei... (pausa)
 Isso é um assalto...(longa pausa)
 Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa)
 Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado...
 Vai passando a grana, bem devagarinho (pausa pra pausa)
 Num repara se o berro está sem bala,
 mas é pra não ficar muito pesado.
 Não esquentá meu irmãozinho, (pausa)
 Vou deixar teus documentos na encruzilhada.

ASSALTANTE MINEIRO

Ô sô, prestenção... isso é um assarto, uai.
 Levanta os braço e fica quetin quêsse
 trem na minha mão tá cheio de bala...

Mió passá logo os trocados que eu
num tô bão hoje.
Vai andando, uai!
Tá esperando o quê, uai!

ASSALTANTE CARIOCA

Seguiiiinnte, bicho ...
Tu te ferrou, mermão.
Isso é um assalto.
Perdeu, perdeu!
Passa a grana e levanta
os braços, rapá .
Não fica de bobeira
que eu atiro bem pra caralho...
Vai andando e se olhar pra
traz vira presunto.

ASSALTANTE PAULISTA

Ôrra, meu ...
Isso é um assalto, mano
Levanta os braços, mano...
Passa a grana logo, mano .
Mais rápido, meu, que eu
ainda preciso pegar a bilheteria
aberta pá comprar o ingresso do
jogo do Curintia, mano ...
Pô, se manda, mano... .

ASSALTANTE GAÚCHO

O guri, ficas atento ...
Bah, isso é um assalto .
Levanta os braços e te aquieta, tchê!
Não tentes nada e cuidado que esse
facão corta uma barbaridade, tchê.
Passa as pilas prá cá!
E te manda a la cria, senão o
quarenta e quatro fala.

Observando este texto, pode-se avaliar que não há uma língua uniforme em todo o território nacional e que cada região carrega a sua maneira peculiar de falar. Em sociedades complexas, convivem variedades linguísticas diferentes, usadas por diferentes grupos sociais, com diferentes acessos à educação formal. Essas diferenças tendem a ser maiores na língua falada que na língua escrita.

Pessoas que pertencem ao mesmo grupo social expressam-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais ou de outro tipo.

2 BULLYING: AVALIAÇÃO EM UM CONTEXTO SOCIAL

Não pertence aos dias atuais a descoberta do *bullying*, acontece que nunca antes, ele foi tão amplamente divulgado, assim como antes o racismo, até que fosse divulgada uma lei contra essa atitude.

Camargo (2012), afirma que o termo *bullying* refere-se a condutas e atitudes agressivas, que ocorrem sem qualquer motivação aparente, sendo sempre repetitivas e mal intencionadas, cometidas por um ou mais crianças ou jovens contra outros, acarretando medo constante, exclusão, angústia, raiva e, conseqüentemente, prejuízos mentais e emocionais.

O *bullying* é um problema mundial. De acordo com Costantini (2004 *apud* MILAN, 2009, p. 3), *bullying* é

[...] um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com a vítima predestinada. [...]

No caso da escola, ela tem o encargo de proporcionar ao estudante um ambiente harmônico e propício à integridade do ensino-aprendizagem, tendo a obrigação moral de conter alunos rebeldes que sentem prazer de intimidar ou ridicularizar outros colegas.

De acordo com Fante (2005) e Pedra (2008) em novembro de 2006, o Instituto SM para a Educação (ISME) apresentou dados de pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. O resultado apontou o Brasil como campeão em *bullying*.

A prática do *bullying* pode trazer consequências, como sequelas dolorosas ou às vezes trágicas, causados pela dor e pela angústia das atitudes agressivas na intimidação da vítima.

No caso da discriminação, com relação à maneira do outro falar, pode acontecer um bloqueio na aprendizagem ou a exclusão deste indivíduo da sociedade, uma vez que se pode entender que ele não tem inteligência suficiente para exercer um cargo elevado, porque veio de origem humilde e porque usa a linguagem de acordo com o seu meio familiar.

Portanto, nota-se a importância dos estudos em torno deste assunto, a fim de averiguar o grau de intensidade das ocorrências e a sua expansão, verificar também as intervenções realizadas e, por fim, conhecer o grau de segurança que é oferecido a todas as pessoas que sofrem esse tipo de assédio. É possível também conhecer os malefícios e sofrimentos causados a todas as pessoas, decorrentes do fenômeno *bullying*.

Conforme a ABRAPIA, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, o *bullying* é um problema que atinge o mundo todo, sendo encontrado em toda e qualquer escola, e não se restringindo a nenhum tipo de instituição, seja ela primária, secundária, pública ou particular, rural ou urbana. Pode-se dizer que as escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus estudantes, ou não têm conhecimento sobre o assunto, ou se negam a enfrentá-lo, levando crianças e adolescentes, muitas vezes, a não falarem sobre o que está ocorrendo e a achar que eles são culpados por sofrerem tais agressões.

De acordo com Pereira (2002 *apud* GOMES, 2007, p.20):

[...] O caráter persistente do *bullying* tem aspectos marcadamente negativos para as vítimas que são diretamente atormentadas no seu dia-a-dia e afetadas no seu rendimento escolar, mas igualmente pelos efeitos a longo prazo que lhe estão associados, tais como a depressão na vida adulta [...].

Segundo Constantini (2004), o espaço escolar ideal para as vítimas é aquele que lhes proporciona, a princípio, um ambiente que as proteja de humilhações e intimidações e, posteriormente, que estimule a capacidade de defesa frente ao fenômeno *bullying*, pois um contexto significativo para a vítima é aquele que, antes de qualquer coisa, consegue protegê-la das intimidações e das humilhações; e que depois, permita que desenvolva com menos tensões sua capacidade de autodefesa.

Lopes Neto (2005) explica que as vítimas, os agressores e as testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem gerar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Logicamente, as crianças e os adolescentes não são atacados de forma uniforme, mas há uma relação direta entre frequência, duração e severidade dos atos de *bullying*.

O *bullying* pode afetar o indivíduo em diversos aspectos: escolar, familiar, social, cultural, ético legal e na saúde. O que antes poderia ser considerado brincadeira, hoje é visto como um sério problema, e muitos profissionais da área já estão envolvidos e comprometidos com a prevenção desse tipo de prática. Tanto o agressor como a vítima apresentam distúrbios psicológicos que devem ser tratados.

Bullying não é uma brincadeira. É uma atitude cruel que fere a dignidade e, muitas vezes, impede o desenvolvimento pleno da personalidade de uma criança.

Para evitar que esses comportamentos aconteçam no ambiente escolar e na sociedade de forma geral, é importante que educadores tenham conhecimento sobre a língua e sobre seus mecanismos de variação: esse é o foco de estudo da Sociolinguística.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA CONTEXTUALIZADA

Sociolinguística é a ciência que estuda a língua de um ângulo mais abrangente, ou seja, da sua ligação com a sociedade onde se origina. Algumas vertentes da Linguística estudam a língua de forma autônoma, concreta e totalmente fora dos acontecimentos sociais. Aos olhos da Sociolinguística, a língua existe quando acontece a junção social, em que se cria e transforma em função do contexto sócio-histórico.⁴

A Sociolinguística foi inspirada no método sociológico, sua função é registrar, descrever e analisar com cuidado as várias maneiras de falar do ser humano, sendo seu objeto de estudo a variação linguística.

Esta vertente foi desenvolvida em grande parte por William Labov (1983) e permitiu um estudo científico mais aprofundado de fatos linguísticos que eram excluídos do campo de estudos da linguagem devido à dificuldade de coletar dados.

Observando todos os dados anteriores, a Sociolinguística estuda a variedade linguística a partir de dois pontos de vista: diacrônico (histórico) e o sincrônico (ao mesmo tempo). O diacrônico revela dois momentos contínuos da língua, descrevendo e mostrando as diferenças das variantes que estão em desuso (arcaísmo). Já no sincrônico (ao mesmo tempo), o pesquisador pode abordar seu objeto a partir de três pontos de vista: geográfico (ou diatópico), social (ou diastrático) e estilístico (contextual ou diafásico).

Para que esta pesquisa ganhe certa importância, vou fixar o estudo das falas em comunidades linguísticas diferentes e lugares distintos, mas no mesmo tempo

⁴ LABOV, William (1973). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

histórico. A maneira de falar, os dialetos dessas comunidades fazem soar aos nossos ouvidos os regionalismos, que são comuns.

Esses estudos geográficos mostram claramente a diferença da linguagem urbana e da linguagem rural, que é mais antiga, isolada e que estão em gradual extinção devido ao grande avanço tecnológico e aos meios de comunicação que favorecem aos falantes urbanos.

Portanto, há que se fazer uma reflexão ao término desta pesquisa, sobre a necessidade dessas variantes linguísticas na vida diária do falante e que não seja mais permitido que muitas pessoas sofram discriminação e, conseqüentemente, o *bullying* linguístico, e sim que passem a ser objeto de estudo, inclusive, facilitadoras da aprendizagem linguística.

Quando se estuda a Sociolinguística com objetivos didáticos, é como entrar em um trecho da Linguística, pois a junção da sociologia com a Linguística observará os fenômenos linguísticos e os sociais para um ensino adequado da língua portuguesa, descrevendo com detalhes, as diferentes variantes que geralmente ocorrem dentro de uma comunidade linguística. Segundo Bagno (1999, p.40):

[...] O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir “isso não é português”. [...]

Pressupõe-se, então, que o ensino da língua é ligado unicamente à norma padrão e que essa seria a única maneira correta de ser abordada, o que não seria correto. É preciso de uma vez por todas exterminar esse preconceito e entender que

não devemos apenas nos preocupar com o estudo do código linguístico e suas regras, mas com o lado social, as situações comunicativas e a maneira como a língua é usada.

A Sociolinguística aprofunda sua pesquisa em duas vertentes, de um lado, as bases sociológicas e, do outro, as estruturas linguísticas, o que faz com que os pesquisadores possam unir descrições variadas da língua dentro de uma comunidade e observar a maneira de falar de cada grupo, entre as camadas sociais e culturais.

2.2 As dificuldades geradas pelas diferenças de linguagens no uso do idioma português em outras regiões do Brasil. uma complexidade sociocultural a conviver.

Antes de qualquer coisa, é necessário que seja explicado o *Bullying* Linguístico, o que realmente significa e como se caracteriza.

Todo professor, em especial de linguagens, deve saber que a língua falada é um sistema heterogêneo, variável, mutável e a sua principal função é estabelecer a interação entre os indivíduos. A escola tem por obrigação, por meio de seus profissionais, estar atenta a todo tipo de discriminação.

Segundo o dicionário de Houaiss e Villar (2001), o *Bullying* Linguístico é “qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, por exemplo, a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos”.

É comum cometermos o *Bullying* Linguístico todos os dias sem que percebamos e, é simples detectar essas falhas, depois que se estuda sobre o assunto que, é vasto e intrigante.

Quando se percebe um grupo de pessoas conversando, mesmo tendo algumas variações de dialetos, é possível que a mensagem do falante seja totalmente entendida pelo ouvinte. Contudo, é necessário que, em sala de aula, o professor faça prevalecer o domínio da gramática.

Mas, como entender de fato o que realmente é, como se faz o *Bullying* Linguístico e de que forma acontece o preconceito e a discriminação?

A maneira como o professor ensina a gramática aos estudantes, afirmando ser esta a correta, motiva o chamado *Bullying* linguístico. Este tipo de preconceito, geralmente é sustentado pelos meios de comunicação em massa, pela gramática normativa e pelos livros didáticos.

Normalmente, o *Bullying* Linguístico acontece quando julgamos levemente variedades linguísticas. Segundo Scherre (2005), o "julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala". Isso acontece quando há variedades associadas a determinados grupos de pessoas com pouca escolaridade e de menor prestígio social, ou seja, muitas vezes, essas pessoas são execradas da sociedade ou simplesmente ridicularizadas por sua maneira de falar. Portanto, não se pode ignorar que o preconceito linguístico é uma forma de *bullying* e de discriminação.

Segundo Bagno (2002, p. 40), o preconceito linguístico se baseia na crença de que a língua só existe nas escolas, quando explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português".

2.2.1 A fala desigual, certo ou errado?

Esta pesquisa objetiva averiguar o que de fato acontece quando o falante foge à norma padrão, interage na sociedade e, assim, passa a sofrer discriminação e preconceito perante as demais pessoas com quem convive diariamente. O preconceito acontece e, não é de hoje, basta que verifiquemos nos livros de história para que possamos entender que a discriminação sempre ocorreu.

O que será descrito aqui é a linguagem que cada um traz em sua bagagem, a língua territorial e que, na maioria das vezes, é motivo de *bullying*, causando danos irreparáveis à personalidade do indivíduo.

É necessário que se aprenda a conviver em uma sociedade mais democrática e com mais trocas, menos sarcástica, ou seja, com aceitação às várias maneiras distintas de linguagem no uso do idioma.

Já houve tempos piores, quando as críticas eram bem agressivas. Estamos caminhando para melhorar esta questão, assim como tantas outras que, já foram resolvidas. Preconceitos que ao longo do tempo foram discutidos e, aos poucos, foram caindo em extinção, como, por exemplo, raça, etnia, religião, preferência sexual.

Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988 representa um progresso, pois reza que:

[...] a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei. [...]

Quem sabe um dia, o preconceito linguístico será um tema de discussão pública, assim como o racial foi e resultará na exclusão definitiva deste ato vergonhoso em nossa sociedade.

Os alunos que estão começando a caminhada escolar irão aprender, desde cedo, que o preconceito para com o outro falante tem o mesmo efeito que o *bullying* praticado nas escolas, pois a escola é o reflexo da sociedade. Muitas escolas procuram ser mais de vanguarda, seguindo novas ideias, sendo mais criativas que a própria sociedade e é neste ponto que as crianças de hoje serão jovens bem melhores amanhã.

Com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN -, referências para os ensinos, Fundamental e Médio de todo o país, fica clara a discussão sobre as variedades linguísticas e o respeito com a forma do outro falar, também sobre a ênfase nos processos críticos e criativos de leitura e de produção do texto escrito.

Isso poderá diminuir o preconceito linguístico na sociedade e, com isso, um reflexo expressivo no futuro, abolindo definitivamente a ideia de que uma pessoa que não fala variedades mais prestigiadas não pode exercer profissões mais respeitadas e que é inculta.

Por tudo isso, ninguém pode simplesmente determinar que uma pessoa que nasceu no interior do Brasil ou no nordeste, que tem uma maneira peculiar de pronunciar certas palavras, está falando certo ou errado devido ao seu sotaque.

3 O BULLYING LINGUÍSTICO

Bullying é uma palavra de origem inglesa. Segundo o *Oxford Dictionaries*, pesquisado na internet⁵, a palavra *bully* significa: “*a person who uses strength or power to harm or intimidate those who are weaker*”, ou seja, uma pessoa que usa a força ou o poder de prejudicar ou intimidar aqueles que são mais fracos.

É a maneira de constranger aquele que aparentemente é diferente dos demais e assim eliminá-la do grupo, o que, com certeza, poderá causar muitos prejuízos psicológicos ou uma grande rivalidade.

Costantini (2004, p. 69) define o *Bullying* como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com a vítima predestinada.

A análise é simples, a pessoa que sofre o *bullying* passa pela violência e a intimidação constante do agressor, que é sempre recorrente em suas maldades e o mais interessante é que o agressor, muitas vezes, sequer imagina que está agindo mal. Vê em seu comportamento apenas uma brincadeira, mesmo que seja pesada e de mau gosto. Por outro lado, o agredido não tem como se defender, o resultado é a marginalização, ele passa a se esquivar dos demais e a se isolar dos grupos e da sociedade.

Quando se trata, por exemplo, de pessoas que vêm do interior do nordeste, que usam a fala diferente da corrente na capital, como, São Paulo ou Rio de Janeiro, esses logo são taxados de Paraíba, Baiano e de tantos outros apelidos que menosprezam a identidade do agredido.

⁵ Disponível em: oxforddictionaries.com. Acesso em: 22 de maio de 2012.

Pedra (2005, p. 71), psicólogo clínico e pesquisador do *bullying*, em seu livro, Síndrome de maus-tratos repetitivos, afirma que as interferências desses episódios na vida da criança e do adolescente são ainda mais desastrosas.

[...] o *bullying*, que sutilmente vem se disseminando entre os escolares, cresce e envolve, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos. Sua ação maléfica traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provocando um conjunto de sinais e sintomas muito específicos, caracterizando uma nova síndrome [...] (PEDRA, apud, FANTE, 2005, p. 09)

No caso do *bullying* nas escolas, as consequências vão muito além, já que acabam atingindo de forma agressiva a sociedade, pois os indivíduos agredidos, provavelmente se tornarão adultos frustrados ou até mesmo delinquentes e, muitas vezes, podem apresentar doenças que afetam o psiquismo como as psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias.

3.1 O preconceito

Escrever sobre este tema, preconceito, não é uma tarefa fácil, já que esse é um assunto complexo e que abrange muitos fatores, tornando-se quase uma luta inglória, pois é preciso refletir sobre nós mesmos e nossas atitudes, pelo simples fato de criticar alguém.

Para entender o preconceito, é preciso recorrer a várias áreas do saber, mesmo sabendo que ele é um fenômeno psicológico e que o indivíduo, quando é preconceituoso, antes, passou por um processo de socialização no qual se transformou em um ser humano. A sociedade discute a necessidade dos direitos serem iguais para todos e tenta estabelecer mecanismos para tornar possível o que tem se denominado inclusão social.

A manifestação do preconceito individual nasce exatamente no processo de socialização quando os conflitos são gerados. A socialização em que o indivíduo sofre o preconceito é fruto de sua história e cultura. O homem é produto da cultura e se torna diferente por sua particularidade e, para entender melhor sobre este assunto, é necessário que se busque o entendimento nos conceitos da Psicologia e da Sociologia.

O ser preconceituoso sempre é recorrente em seus preconceitos que podem ser sobre qualquer alvo, como por exemplo: ao negro, ao índio, ao judeu, ao homossexual, a maneira da falar e a tantas outras coisas. Dessa forma, não se pode instituir um parâmetro único sobre o preconceito, já que os aspectos e os objetos são variáveis para o preconceituoso.

Sobre isso, Crochik (1997 p.15 e 16), afirma que:

[...] Para se falar em indivíduo, deve-se pressupor uma esfera de intimidade ou de interioridade, que se contraponha a uma esfera exterior, mas é uma interioridade que surge a partir desse mesmo exterior, o que implica que o indivíduo é produto da cultura, mas dela se diferencia por sua singularidade [...]

[...] O agir sem reflexão, de forma aparentemente imediata perante alguém, marca o preconceito, que sendo, *a priori*, uma reação congelada, assemelha-se à reação de paralisia momentânea que temos frente a perigo real ou imaginário. A reação presente naquele que porta o preconceito pode ser denominada de mimética, que consiste em fingir-se de morto frente ao objeto que gera estranheza. É uma reação análoga à do animal que imita a natureza para se defender do predador; mostra um olhar fixo que vendo além de alguém não consegue vê-lo [...]

Conforme Ribeiro (2005), são vários os tipos de preconceitos, e para melhor esclarecer este assunto, os mais importantes serão definidos:

- a) PRECONCEITO RACIAL – É o tipo de preconceito que se manifesta contra a cor da pele, a etnia ou a raça.

- b) PRECONCEITO SOCIAL – É o tipo de preconceito que se presencia entre ricos e pobres.
- c) PRECONCEITO LINGUÍSTICO – É o tipo de preconceito relacionado ao padrão de língua que se fala. A pessoa sente-se superior pelo fato de falar "mais bonito".
- d) PRECONCEITO RELIGIOSO – É o tipo de preconceito que se faz visível nas religiões. O fato de ser desta ou daquela religião, torna a pessoa obstinada e arrogante.
- e) PRECONCEITO ESPIRITUAL – É o tipo de preconceito que se observa em nossas igrejas.

Um caminho adequado para se cumprir o desejo de eliminar o preconceito seria a diminuição e, conseqüentemente, a eliminação da distância que separa a igualdade das desigualdades que acontecem oriundas da omissão e da ineficiência das políticas educacionais. Mais do que punir, podemos e devemos prevenir. Mais do que combater o preconceito, melhor seria promover a igualdade.

3.2 A discriminação

Pesquisando sobre o conceito de discriminação, foi possível averiguar que esta discussão é antiga e que muitas pessoas diferentes em situações adversas já sofreram de alguma forma, algum tipo de preconceito e discriminação (SOARES, 2005)

Soares (2005 p.45) relata que a discriminação é um ato antigo na sociedade humana; é uma prática tão difundida quanto nefasta.

É fato que onde existe a diferença existem pessoas cujas vidas geralmente são prejudicadas, somente porque pertencem a grupos que são diferentes.

São tantas as discriminações que poderia ser descrito nesta pesquisa muitos fatos em muitas páginas. Essas normas podem ser simplesmente a cor da pele, opção sexual, religião, origem social e outras marcas que se acrescentam aos indivíduos. É neste ponto, origem social, que a pesquisa vai se aprofundar, pois a discriminação existe em vários países, em muitas línguas e todas as culturas e, no Brasil não poderia ser diferente. Muitas pessoas dizem, enfaticamente, que, no Brasil, não há discriminação, mas é a mesma coisa que fingir que não existe.

É quase impossível medir a discriminação e o que faz a diferença fundamental é o grau sofrido e quando se analisa o comportamento ao longo do tempo por grupos diferentes.

Um das óticas da vida na qual é possível verificar os efeitos da discriminação é a escola, pois quando uma criança vem de outro estado com seu sotaque peculiar e inicia conversação com outras crianças que desconhecem sua região, começam a zombar da maneira de falar do recém-chegado. A criança que antes estava aberta a fazer novas amizades passa a ganhar vários apelidos e, com o tempo, a tendência é se afastar desses amigos que sempre o estão imitando e zombando de sua maneira de falar. Segundo Guimarães (2004 p.18),

[...] Diz que a discriminação racial consiste no tratamento diferencial de pessoas baseado na idéia de raça, podendo tal comportamento geral *segregação e desigualdade raciais*. [...] Como se vê, o preconceito pode manifestar-se, seja de modo verbal, reservado ou público, seja de modo comportamental, sendo que só neste ultimo caso é referido como discriminação. [...]

Tassara e Damergian (1996, p. 307) explicam que o contato intercultural leva a um choque em que o dominador tenta eliminar as diferenças que caracterizam o

dominado (o que já ocorre inconscientemente por parte desses, por meio da identificação com o agressor), não é apenas a sobrevivência de uma dada comunidade cultural que está ameaçada. O humano está ameaçado.

São vários os tipos de discriminação e de expressão, como exemplo não se pode esquecer daquelas pessoas que são de origem humilde e que já sofrem com a fome, a sede, o descaso, a falta de trabalho. Esses migrantes são subitamente negados, discriminados e psiquicamente são os grandes perdedores desse embate, em sua maioria.

Damergian (1981) revela que há um fator importante: a linguagem dialetal como fator de discriminação e de humilhação. Isso quer dizer que são discriminados a partir do uso de seu dialeto regional.

A Sociolinguística explica que as relações entre língua padrão e língua não padrão permitem observar essa relação não só do ponto de vista da língua como tal, mas também do ponto de vista dos falantes que interagem numa sociedade.

Essa possibilidade levou prontamente ao problema de grupos minoritários como alvo de preconceito. Labov (1973) em seu livro evidencia a adequação do falar regional como variante dialetal da língua padrão, ou seja, a situação na qual a rejeição não se limita apenas à língua que é usada, mas que, na verdade, analisa a língua que o falante usa, o que mostra claramente o quanto, nesta luta, o migrante é perdedor.

4 QUAL A REPERCUSSÃO DO USO ERRADO DA LINGUA PORTUGUESA?

Vamos analisar o uso variável da língua e o preconceito que sofrem algumas pessoas nas relações sociais e procurar entender os porquês do preconceito linguístico, uma vez que a dessemelhança é perceptível no uso natural da língua. Vamos ainda pesquisar a pressão psicológica que sofrem os usuários da língua, sobretudo no ambiente em sala de aula, por não se apropriarem da chamada norma padrão e verificar qual a repercussão disso.

Aqueles que falam a norma padrão discriminam os não usuários da norma. Com isso, surgem algumas perguntas entre os estudiosos da língua, como por exemplo: que padrão é esse que traz vantagens ao uso de alguns? Se a língua segue um padrão, por que tanta dificuldade no seu uso? Essas perguntas fazem refletir sobre este aspecto do que é certo ou errado e por que aquele indivíduo que vem do nordeste ou do interior de Minas Gerais fala errado, aos olhos de alguns, já que o seu sotaque é diferenciado daquele que mora na capital?

A maneira diferenciada entre as normas da língua, o seu uso natural, espontâneo na fala e na escrita, tem se tornado um dos grandes obstáculos, senão o maior, para a motivação ao estudo da língua e das regras impostas pela gramática normativa, cuja assimilação faz parte da prática pedagógica da escola do ensino tradicional.

Além disso, a escola, de certa forma, estimula o preconceito linguístico, porque é muito combatido em suas gramáticas, chamando atenção para aqueles alunos que falam diferente dos demais, ou seja, sem que as pessoas notem, o preconceito está enraizado na sociedade.

É claro que a parte social não pode ser esquecida nesta pesquisa sobre a língua, por isso procura-se buscar na Sociolinguística a base para as análises já

expostas neste estudo de que, muitos grupos populacionais do Brasil são alvos de *bullying*, discriminação e preconceito. São considerados como portadores de uma cultura pobre, primitiva, tribal e inferior, o que os conduz a perder sua identidade e seu modo de vida tradicional.

A Educação Linguística é uma das bases na construção da Identidade Social dos povos, principalmente se esses constroem sociedades de migrantes, imigrantes e nativos, como é o caso do Brasil. A Sociolinguística tem como princípio de estudo os padrões de comportamento linguístico analisados dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente por meio de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis⁶.

Labov, autor da Teoria da Variação, explica que esse modelo visa a responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais:

[...] a) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; b) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação. A variação não implica necessariamente mudança em curso (LABOV, 2008, p. 77-8 [...])

Dessa forma, fica evidente entender que os processos de mudanças contemporâneos que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística.

⁶ LABOV, William (1973). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

[...] Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (cf. LABOV, 1972; GUY, v.14, n.28-29 (2000) [...])

É fácil concluir que, para os sociolinguístas, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em concorrência, ou seja, quando duas formas são usadas ao mesmo tempo e concorrem. Por isso é denominada de *Teoria da Variação*.

Essa variação de linguagem é característica de um país tão grande quanto o Brasil, por isso não há como não ter essa diferenciação de linguagem, que poderíamos chamar de sotaques territoriais. Não tem razão e nem motivos para pessoas que pronunciam vogais abertas ou fechadas, falar ‘cantando’, com chiado ou não, serem discriminadas, sofrerem preconceitos e *bullying* devido à estranheza em sua maneira de pronunciar as palavras.

4.1 A pesquisa e a realidade

Depois de muito ler a respeito, fica evidente que o fenômeno *bullying* é um ato de extrema violência psicológica para quem o sofre. De certa forma, é hediondo e, portanto, não pode ser considerado como algo comum na sociedade.

A palavra “comum” nos leva a crer que se trata de algo banal e corriqueiro, sendo assim, poderia ser aceitável qualquer tipo de humilhação, ou seja, a pessoa em questão teria que aceitar e conviver com essa violência diariamente, sem encontrar alguma forma de solução.

Com o passar do tempo, essas pessoas acabam se sentindo acudadas e, conseqüentemente, impotentes para mudar essa realidade que denigre a imagem de

quem sofre o *bullying*. Odalia (2004, p.15) diz a esse respeito: “Perceber um ato como violência, demanda do homem um esforço para recuperar sua aparência de ato rotineiro natural e com o que inscrito na ordem das coisas”. Segundo o autor o fato da pessoa agredida por *bullying* aceitar e não revidar faz com que as transformações ocorridas por meio de atos violentos pareçam cada vez mais normais, pelo ato contínuo com que é visível na sociedade.

Por isso, antes de qualquer afirmação, é necessário que fique claro, nesta pesquisa, o quanto é surpreendente o nível de desinformação das pessoas com relação ao fenômeno *bullying*.

No caso das escolas, muitos alunos que sofrem com esta atitude, não sabem o que significa e do que se trata. Almeida e Ribeiro (2011, p.9) depois de aplicarem 20 questionários em uma escola concluíram que:

[...] há aqueles que, mesmo não sabendo, arriscam palpites para não passarem por ignorantes. Três alunos se enquadram nessa categoria, afirmando acreditarem que se trata;

- a) de um homem gordo,
- b) de um homem magro e
- c) do *bullying* de coar café (!).

À primeira vista, parece algo engraçado, mas na verdade é um tanto preocupante, visto que os alunos não têm a menor noção acerca de um tema que os atinge diretamente e que a maioria, mesmo desconhecendo a nomenclatura, já vivencia/vivenciou na própria pele. É de se questionar o papel dos professores nessa situação, uma vez que cabe a eles orientar, esclarecer e familiarizar os alunos com relação a fenômenos desse tipo. Esse pode ser, aliás, um bom tema para futuros estudos. [...]

(ALMEIDA e RIBEIRO, 2011, p.9)

Fica claro que muitos discentes nem imaginam o que acontece em torno deles e tais agressões acabam por se tornarem rotineiras, até mesmo porque não querem se meter em grandes confusões. Há sempre aquele que é o bode expiatório, seja por sua maneira diferenciada de falar, como, por exemplo, no caso dos nordestinos ou aqueles que vieram do interior de Minas Gerais, ou mesmo porque, talvez tenham o nariz grande ou são orelhudos. O fato é que não existe um

parâmetro, mas sim a vontade de apelidar alguém e fazê-lo passar pelo ridículo. As autoras resumem em sua pesquisa:

[...] Instados a comentarem os casos de que têm conhecimento, os alunos listam alguns apelidos que ouvem dos colegas. Todas as referências são indiretas, ou seja, estão relacionadas a colegas e não à própria pessoa que presta depoimento, com exceção de dois.

No primeiro caso, o aluno diz que um colega lhe chamou por um apelido e ele não gostou. No outro, um discente afirma ser chamado de “orelhudo” pelos colegas. Numa análise mais profunda, seria interessante descobrir o quanto esses apelidos marcam as vítimas, o nível do desconforto causado pelo apelido desagradável. Raramente, diga-se de passagem, o aluno leva “na esportiva” esse tipo de brincadeira de mau gosto, embora, quase sempre, finge não se importar, justamente para tentar evitar que a coisa assuma proporções maiores.

Sintomaticamente, um dos entrevistados diz que “é preciso ter paciência para aguentar”, salientando que os colegas brigam por qualquer coisa, inclusive por causa de um boné ou outros objetos.

Mas é nas respostas à pergunta que trata dos expedientes utilizados pelas professoras para coibir o comportamento agressivo dos alunos que se encontram as afirmações mais interessantes. Na verdade, a atitude da professora – que deveria ser a autoridade absoluta em sala de aula, dona do respeito (nunca medo) dos alunos – deixa muito a desejar, conforme as respostas dadas pelos alunos. (ALMEIDA e RIBEIRO, 2011, p.10) [...]

Com isso, se pode concluir que, muitas pessoas que sofrem o *bullying*, quase sempre, preferem levar na brincadeira ou simplesmente se calar, para não piorar a situação, já que provavelmente, se revidassem, poderia virar uma briga e os danos seriam piores. Essas brincadeiras de péssimo gosto não trazem benefício nenhum para ninguém e somente a direção, a coordenação e os professores poderiam reverter essa situação dentro da escola com palestras, filmes, trabalhos e pesquisas sobre o tema e acabar definitivamente com essas atitudes de crianças e adolescentes que, no fundo, não sabem o mal que estão cometendo aos outros colegas.

CONCLUSÃO

É difícil concluir um trabalho, quando se sabe que ainda poderia escrever muitas páginas. O preconceito, a discriminação e o *bullying* sempre existiram e, creio, não será agora que será extinto, pois precisaria de uma conscientização da população, o que necessitaria ter início dentro de casa.

O preconceito e a discriminação ocorrem quando, simplesmente, escutamos uma variedade na língua que não é aquela que costumamos ouvir. Essa variabilidade linguística é detectada como “erro”, quando, na verdade, é a maneira peculiar que cada um tem de se pronunciar.

A Sociolinguística nos mostra que essas ideias preconcebidas do português falado no Brasil geralmente são falhas, e não tentam explicar a variação na fala dos brasileiros, mas apenas impõem regras e normas, eliminando assim aqueles que cometem erros, simplesmente por não pertencerem à mesma camada social.

As escolas deveriam ser o ponto de partida para a inserção social do indivíduo, mas muitas vezes, fecham os olhos às diferenças sociais, pois não estão preocupadas em ensinar a língua portuguesa para aprimorar a fala, e sim, como objetivo de valorizar a norma padrão, ou seja, aquela que não é usada no cotidiano.

Essas ideias preconcebidas sobre a língua são falhas e acarretam prejuízos emocionais aos que sofrem com o preconceito, a discriminação e conseqüentemente o *bullying*, quando são apontados em seus “erros” de fala e, muitas vezes, também por sua cor, sexo, religião, região e tantas outras situações.

Bagno fez um trabalho maravilhoso quando apontou em sua pesquisa o real problema que acontece, não somente com a linguística, mas em sua dimensão sociológica.

Pessoas que cometem variações na língua portuguesa são automaticamente excluídas por meio da discriminação. O autor deixa claro o quanto esta ideologia deve ser combatida.

A gramática normativa é necessária não para ditar regras sobre o que é certo ou errado, mas para aumentar o conhecimento do aluno, nunca esquecendo a experiência já vivida por cada um. Segundo Santos (2008 p.42):

[...] Há aqui a necessidade de propor uma concordância com Bagno quando este explicita o caráter emergencial de se compor uma gramática descritiva que sirva de arcabouço teórico no momento da elaboração de um texto escrito, porém deve-se ponderar com Bechara, que enquanto não temos um meio mais eficaz que a gramática normativa, esta pode ser utilizada não para ditar regras, mas com o intuito de estimular no aluno a noção de quão essencial é construir conhecimento de modo a tornar o professor um facilitador e não detentor do conhecimento “mistificado”, que tem se tornado o estudo da língua nas instituições de ensino.[...]

O presente estudo buscou observar vários aspectos e a real necessidade sobre uma mudança de comportamento que abrange desde a escola à convivência social.

Quando um aluno é tratado com preconceito ou sofre *bullying* pelos colegas, devido a sua maneira diferenciada de falar, provavelmente, terá problemas futuros como adulto, no campo social ou na área profissional.

A escola, muitas vezes, fecha os olhos a um problema tão sério e delicado, para não ter que enfrentar problemas. Tanto a escola pública quanto a particular, na verdade, tentam evitar ao máximo enfrentar um problema tão grave quanto o preconceito, a discriminação e o *bullying*, mas que, de alguns anos para cá, com o assunto em alta, não há mais como fechar os olhos para uma situação que está em evidencia.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. **A história do português brasileiro: v. III – Novos estudos.** São Paulo: Humanitas; Campinas: UNICAMP, 2002.

ALMEIDA, Gisela Bastos da Mota. RIBEIRO Súsia Soares - ***Bullying: que bicho é esse?*** - IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011.

ALMEIDA, Rita Heloísa. **O diretório dos índios; um projeto de civilização no Brasil do século XVIII.** Brasília, DF: Editora UnB, 1997.

BAGNO, Marcos, **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 15ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais: ensino fundamental e médio. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

CAMARGO, Orson. Colaborador do site **Brasil Escola**, 2002. <<http://www.portalbrasilecola.com>>, Graduado em sociologia e política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP e também mestre em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

CHALITA, G. - Pedagogia da amizade - ***Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.*** São Paulo: Editora Gente, 2008.

CONSTANTINI, Alessandro. ***Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens.*** Trad. Eugenio Vinci de Moraes. São Paulo: Editora Itália Nova, 2004.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura.** 2. ed. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

CUNHA, Celso. **Língua, Nação, Alienação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DAMERGIAN, Sueli. **A fala regional e o contexto social: um estudo sobre como são recebidos os falantes que se utilizam do português não-padrão nordestino em um contexto em que só o português-padrão é admitido.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

FANTE, Cléo. **Fenômeno *Bullying*: como prevenir nas escolas e educar para paz**. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005

GUY, Gregory. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões linguísticos**, *Organon*, 14(28-9), 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito e Discriminação**. Editora 34, 2ª edição 2004.

GOMES, et al. **Violência sem limites**. Disponível em: <http://www.aliancapelainfancia.org.br/biblioteca/textos_portugues.asp>. Acesso em: 19 nov. 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Prefácio de Antonio Cândido. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1976.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. - **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: 1 vol. Editora Objetiva, 2001.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Discriminação de gênero e de raça no mercado de trabalho**. (2005 p.45).
LABOV, William: **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES NETO, Aramis A. - ***Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes**. J. Pediatr. (Rio de J.). Porto Alegre, v.81, n. 5, 2005.

MILAN, Cléia Garcia da Cruz. - ***Bullying*: discussão sobre atitudes escolares** Maringá. Anais. - p. 221- 229, 2009

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

PEDRA, José Augusto. **Síndrome de maus-tratos repetitivos**. Editora Alvorada – 2005.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RODRÍGUEZ, Alfredo MACEIRA. **O catalão e sua contribuição ao léxico português**. In: Revista Philologus, 5: 9-20, maio/ago, 1996.

SANTOS, Maria Aparecida Feitosa Gomes e. **O preconceito linguístico e a exclusão social**. 2008 p.42 (Monografia Pós-Graduação Especialista em Letras: Português), Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ, Instituto de Gestão Signorelli, Lauro de Freitas – BA. 2008.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Discriminação de gênero e de raça no mercado de trabalho**. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2005 p.45).

RIBEIRO, Antonio Carlos Evangelista: colunista-titular do Portal Brasil. – **O preconceito**. <<http://www.portalbrasil.net/2005/colunas/administracao/colunas.htm>> Acesso em: 23 out. 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Linguísta e pesquisadora do CNPq, “**Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**”. São Paulo: Editora Parábola - 2005.

SILVA, José Pereira da; **Língua e inquisição no Brasil de Pombal**. Rio de Janeiro: Editora da universidade do Rio de Janeiro (EdUERJ), 1986:

TASSARA e DAMERGIAN. artigo sobre **Linguagem e preconceito**. Psicologia USP, Universidade de São Paulo. **São Paulo**, p. 307, 1996.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves; **O marquês de pombal e a implantação da língua portuguesa no Brasil - Reflexões sobre a proposta do diretório de 1757**. Estudos aplicados de linguagem. UFF – Universidade Federal Fluminense. RJ, p.3, 1998.